

A mediação tecnológica do tempo livre e do tempo do trabalho: contribuições para uma teoria crítica em tempos escassos

MARIA DE FÁTIMA VIEIRA SEVERIANO¹

INTRODUÇÃO

Propomos neste trabalho uma reflexão crítica sobre a experiência de crescente escassez de tempo frente à expansão das novas tecnologias informatizadas e da exacerbação do consumo, tendo por eixo teórico privilegiado os teóricos da Escola de Frankfurt, em especial, Theodor Adorno e Herbert Marcuse. Em um contexto de ritmo de vida acelerado nos preocupamos com a atual proeminência do chamado tempo livre e sua possível integração pela lógica produtivista do tempo do trabalho, enquanto nova forma de dominação social.

Compreendemos a categoria de “tempo livre” como aquele tempo em que, tendo por marco histórico os advenços da Revolução Industrial, passou a ser “disponível” ao homem após as suas atividades laborais. Ou seja, trata-se de um tempo de não trabalho no qual o homem estaria “disponível”, seja para outras atividades não laborais, seja para o descanso. Concordando com Adorno (1995), consideramos, entretanto, que esse “tempo livre” é acorrentado ao seu oposto – o tempo do trabalho – determinando-o desde fora.

No que concerne ao “tempo do trabalho”, para os frankfurtianos, nas sociedades industriais do capitalismo, tal como em Marx, esta temporalidade é compreendida como um tempo de alienação das potencialidades humanas, em que o homem estranhado do produto do seu trabalho, não se reconhece nele, tornando-se mera força de produção.

Iniciamos, pois, nossa problematização a partir de uma questão levantada por Adorno em artigo intitulado “Tempo Livre”, publicado em 1969, a saber:

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, porventura, esta: “Que ocorre com ele [tempo livre] com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência?” (Adorno, 1995: 71).

¹ Profa. Associada IV do Depto. de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Brasil. E-mail: fatimaseveriano@gmail.com

Tal questionamento, realizado há mais de meio século, será aqui retomado, com vistas à atualização de alguns elementos considerados de grande relevância para a atual análise das novas temporalidades, a saber: o aumento do consumo fetichizado, que simula as próprias condições de liberdade e o desenvolvimento exponencial das tecnológicas informatizadas, que torna o homem o centro de recepção de intensos fluxos informacionais, ao mesmo tempo em que o projeta virtualmente para todos os espaços do planeta.

Pretendemos, pois, discutir as atuais articulações entre a temporalidade da ordem do trabalho e a temporalidade da ordem do “tempo livre” tomando por principais mediadores o consumo e as novas tecnologias, considerando-se que o tempo liberado do trabalho vem sendo crescentemente ocupado em atividades prescritas pela lógica do mercado, facilitada principalmente pelas inovações tecnológicas informatizadas.

O CONSUMO FETICHIZADO DE OBJETOS E SERVIÇOS

Ressaltamos, inicialmente, que o termo “Sociedade do Consumo” (Baudrillard, 2008) não significa a crença no estabelecimento de um mundo de abundância, mas apenas aponta para um mundo em que o consumo se estabeleceu como fonte de referência identitária, mesmo naqueles que não podem comprar; na medida em que também consumimos imagens, lugares, tempos, pessoas e estilos de vida que por sua vez, significam e prescrevem determinados ideais, modos de ser, estar, amar e sentir.

Trata-se do que Baudrillard (1976) denominou da lógica do *valor sígnico*, em que o objeto é orientado não pelo seu valor de uso, mas por um sistema distintivo de imagens de marca, ditado pela moda, que tem por função atribuir significados ao indivíduo, de acordo com os atributos subjetivos e de prestígio social nele agregados. Neste caso, o objeto de consumo deixa de ser a solução para um problema prático para ser concebido em seus aspectos subjetivos, passando a ser a solução de um conflito social ou psicológico (Baudrillard, 1993).

Dessa forma, o desejo subordina-se aos fins mercantis, escamoteando a atual supremacia da esfera econômica – lógica da mercadoria – que travestida de cultura, liberdade e pluralidade apresenta esta sociedade como a utopia já realizada: um mundo dadivoso, democrático e feliz, graças às *benesses* auferidas pelo consumo.

Portanto, o consumo não se reduz à uma mera expressão de troca mercantil, mas define-se como um sistema complexo de comunicação e de poder; como uma linguagem, permeada por valores e ideologias, em que se ordenam signos sociais e subjetivos, capazes de promover a integração/exclusão de grupos, assim como o reconhecimento/rejeição de indivíduos.

No que concerne à aceleração temporal vigente, esta diz respeito não apenas à esfera da produção, mas também e principalmente à esfera da circulação de bens de consumo, cuja inserção sistemática e constante de sempre mais ‘novidades’ é essencial, não apenas para incrementar os lucros empresariais, mas para manter o jogo concorrencial dentro e fora da empresa. Nesse contexto, a luta por um lugar de

reconhecimento social se faz incessante: temos que portar objetos de marca reconhecida, usufruir de serviços “personalizados” e nos mostrar constantemente ‘interessantes’, ‘divertidos’, ‘bem relacionados’, ‘atrativos’ e ‘sarados’ para nos mantermos seja no emprego, seja no ciclo de relações sociais. Tudo isto requer tempo, habilidades e ‘estilo’ em vários níveis: no consumo de bens e serviços, na intensificação da atividade laboral com vistas à ascensão na hierarquia do consumo, no uso das tecnologias informatizadas e/ou no ‘investimento’ de si próprio e da relação com o outro.

A expansão desta lógica do mercado para todas as esferas da vida culmina, em nossa contemporaneidade, em um fenômeno muito particular, qual seja, a instrumentalização do “tempo livre” e sua conversão em valioso bem de consumo. Tem-se uma dupla modalidade de consumo: consumo do lazer e consumo enquanto lazer (consumo hedônico); elaborado a partir de múltiplas estratégias comerciais, sob a aparência de recreação e liberdade. Aqui, atributos tais como liberdade, potência, reconhecimento social e afetivo, sensualidade, singularidade, felicidade, dentre outros, são imputados aos produtos, como se emanassem *naturalmente* do próprio objeto - uma expressão contemporânea do fetichismo da mercadoria.

A esse fenômeno denominamos de o *duplo fetichismo* (Severiano, 2001), em que estão alienadas na mercadoria não apenas as relações sociais de produção, mas a própria subjetividade humana, na medida em que atualmente são os próprios objetos e serviços de consumo que fornecem significados ao homem. Trata-se de uma nova fase do capitalismo: “virtualização do valor”, ou seja, com o desenvolvimento das novas tecnologias informatizadas, a mercadoria sofre um processo de desmaterialização, transformando-se em puros signos do consumo, inclusive, intercambiáveis em suas significações, em vistas do atual obsolescência planejado – forma de aceleração do tempo na configuração e estilo do próprio objeto. Assim é que, se em uma determinada época possuir um computador e celular significava *status* ou distinção social, hoje temos que possuir um *Ipad* e um *Iphone*, e assim passamos a nos significar de acordo com a aceleração da fabricação de sempre novos objetos de “última geração”, numa corrida infrutífera, em que sempre somos os perdedores/devedores.

ESTRATÉGIAS DE INVASÃO DO TEMPO LIVRE

O que se observa contemporaneamente com a expansão do domínio do mercado para todas as esferas, em especial à esfera do tempo livre, é justamente a supremacia, sem precedentes, da esfera econômica travestida de “cultura” e “liberdade”. Ou seja, houve uma capitalização do dia a dia, em que tudo é quantificável e o valor intangível (Wisnik, 2012) das coisas, assim como das pessoas, desaparece.

Desse modo, o “tempo livre” é invadido pelas atividades de consumo de bens e serviços que ocupam a quase totalidade do “tempo livre” dos contemporâneos. Algumas estratégias desse confisco do tempo livre pelo consumo são orquestradas pela indústria cultural, pela indústria da beleza e da saúde, do turismo, do lazer, dentre outras. O *shopping party* - “uma ocupação lúdica, de divertimento para todos” (Lipovetsky, 2007: 66) – constitui-se no mais paradigmático exemplo.

Assim, a lógica concorrencial e de produtividade, própria da moderna organização técnica da produção capitalista, migra para os lares, espaços de lazer e transportes, reorganizando rotinas para além da antiga divisão do trabalho, ressurgindo de forma “flexível” em todos os lugares e resultando em uma diluição das fronteiras entre as dimensões do tempo de trabalho e do tempo livre, sob o primado da lógica mercantil.

Tal diluição se evidencia, na medida em que a vivência do lazer se torna cada vez mais programada, recorrendo a atributos da lógica do trabalho: racionalidade das escolhas, economia e aproveitamento máximo do tempo, organização de agendas antecipadas, observação rigorosa de estilos, vestuário e condutas apropriadas, com predomínio da ordem econômica do consumo, a tal ponto que o indivíduo é estimulado a ‘investir’ em si próprio como se fosse uma empresa, tornando este tempo tão competitivo e regulado quanto o do trabalho/labuta.

No que concerne ao tempo de trabalho, as tentativas são de aparentá-lo ao “tempo livre”: a atual noção de *flexitempo* descrita por Sennet (2010) explicita este regime, no qual os turnos fixos são substituídos de várias maneiras por turnos flexíveis: desde a escolha de horários de trabalho ao longo da semana, a compressão do tempo de trabalho em mais horas diárias e em menos dias, até o *trabalhar em casa*; além disto, cada vez mais o entretenimento e o lúdico se inserem no âmbito do trabalho, subvertendo rotinas a partir do incentivo à promoção de “confraternizações”, torneios desportistas, práticas de relaxamento, informalidade no vestuário etc.

O CONSUMO DAS TECNOLOGIAS - OS IDEAIS DE AUTOMAÇÃO DO TRABALHO E DE FELICIDADE HUMANA

A *tecnologia* teria por função *economizar* tempo aos que dela se utilizam e se fazem pagar em função disso. Os objetos técnicos fariam render mais tempo livre. Portanto, o exponencial avanço tecnológico contemporâneo teria por meta alargar o tempo livre, propiciando maior liberdade e diversificação das atividades humanas.

O conceito iluminista de progresso encerrava um otimismo quanto ao futuro da espécie humana. Ali havia implícita a crença de que os avanços da ciência, da técnica e da razão propiciariam não apenas uma melhoria nas condições objetivas de vida do homem, mas também seriam capazes de atender aos anseios por bem estar subjetivo, realização existencial pessoal e felicidade. Isto se devia, principalmente, à combinação de alguns elementos do campo da tecnociência, a saber: o avanço do saber científico; o domínio crescente da natureza pela tecnologia e o aumento exponencial da produtividade e da riqueza material, tendo como aliada a razão instrumental.

Os modernos, os homens das luzes, tinham a expectativa de que o tempo se completaria no futuro. Através do “indubitável” progresso as máquinas trabalhariam pelo homem e, assim, a História se resolveria.

A previsão de Marx era a de que ao final do sistema capitalista os trabalhadores deixariam de ser os “agentes principais” da produção material e se converteriam

em seus ‘supervisores e reguladores’. Isto representaria o surgimento do sujeito livre no interior do reino da necessidade, o qual substituiria o indivíduo alienado da divisão do trabalho. Dois fatores dariam origem a esta mudança: primeiro, dado o crescente processo de tecnologização da produção, a energia física dispendida seria substituída por energia mental, implicando em uma desmaterialização do trabalho; em segundo lugar Marx fala de um ‘distanciamento’ do trabalhador em relação aos instrumentos de produção em consequência de um sistema de máquinas cada vez mais automatizadas, não usadas como sistema de exploração. (Marcuse, 2010: 15).

Quanto a Marcuse, este se mostrou, inicialmente, ainda mais otimista. Considerou que o progresso técnico e o processo cada vez mais acelerado de automação, implicaria numa inevitável redução de mão-de-obra e tornaria obsoleta a necessidade de trabalhar em tempo integral. Como a energia utilizada no trabalho/labuta é retirada principalmente de Eros, com a diminuição deste trabalho, tal energia retornaria à esfera do erótico e ocuparia o conjunto do organismo, mobilizando, desta forma, a totalidade das atividades humanas.

Como consequência, Marcuse (2010) apontou que o trabalho continuaria indispensável, no entanto, não mais subordinado ao ‘princípio do desempenho’ e à ‘mais repressão’. Eliminada seria a ‘organização da existência humana como instrumento de trabalho’ (Marcuse, 2010: 85), o trabalho em si. Este seria erotizado, transformando-se em ‘jogo’ e possibilitando a criação de relações de trabalho novas e duráveis.

“A definição do nível de vida em termos de automóveis, televisões, aviões, e tratores é a do próprio ‘princípio de desempenho’... o nível de vida poderia ser medido por outros critérios: a gratificação universal das necessidades humanas básicas e a liberdade contra a culpa e o medo – tanto internalizado como externo, tanto instintivo como ‘racional!’”. (Marcuse, 1975: 77).

Entretanto, não tardaram as “desilusões” e rupturas com os antigos ideais. Se, em seu livro “Eros e Civilização”, escrito em 1955, Marcuse tenta estabelecer as condições para o advento de uma utopia fundada na liberação de Eros, em sua obra posterior “A Ideologia da Sociedade Industrial – o homem unidimensional” escrito em 1964, ele põe o acento nas dificuldades crescentes à constituição do ‘sujeito revolucionário’, visto a aderência quase completa do indivíduo à ordem unidimensional, que com seu aparato tecnológico e uma sofisticada rede de comunicações de massa manipula e falsifica as consciências individuais, eliminando assim as condições subjetivas capazes de gerar uma atitude de oposição crítica à ordem estabelecida. Tal posicionamento pode ser constatado em seu prefácio à edição de 1966 de “Eros e Civilização”:

“Eros e Civilização: com esse título eu pretendia expressar uma ideia otimista, eufemística, aliás, concreta: a convicção de que os resultados alcançados pelas sociedades industriais avançadas pudessem permitir ao homem inverter o rumo da evolução histórica, quebrar o vínculo fatal entre produtividade e destruição, liberdade e repressão – pudessem, em outras palavras, por o homem em condições de aprender a gaia ciência, ou seja, a arte de utilizar a riqueza social para modelar o mundo do homem segundo os seus instintos de vida, através de uma luta concentrada contra os agentes da morte. Naquele momento eu havia negligenciado ou minimizado o fato de que esses motivos, agora em processo de

extinção, tinham sido enormemente reforçados (e não substituídos) por formas ainda mais eficientes de controle social. Precisamente, as forças que puseram a sociedade em condições de resolver a luta pela existência serviram para reprimir nos indivíduos a necessidade da libertação “. (Marcuse, 1975: 90).

Adorno e Horkheimer (1985) iniciam o texto da *Dialética do Esclarecimento* com uma não menos contundente constatação:

“No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”. (Adorno & Horkheimer, 1985:19).

A *irracionalidade objetiva do sistema* apontada na *Dialética do Esclarecimento* se funda, justamente, nessa discrepância entre “progresso tecnológico” e “progresso humanitário”, em que ocorre uma distribuição irracional dos bens objetivos e subjetivos que a civilização já conquistou. Isto porque, apesar de todo o progresso tecnológico já alcançado, o modo como a riqueza social, o saber acumulado e as aptidões humanas foram orientadas não redundaram em “progresso humanitário” com vistas à extinção progressiva da miséria e do trabalho alienado; mas ao invés, resultaram em uma subordinação cada vez maior do homem ao aparato produtivo e de consumo, concebido como um fim em si mesmo. (Marcuse, 1982; Adorno & Horkheimer, 1991)

Para Marcuse, a tecnologia sempre encarna um *Projekt*, uma vez que na técnica são projetados os interesses dominantes da sociedade e suas intenções com relação aos homens e às coisas. Marcuse (1982) já nos advertira à sua época:

“A racionalidade tecnológica ter-se-á tornado racionalidade política [...] Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais [...]. A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social”. (pp. 18-19).

NOVOS RUMOS DAS TECNOLOGIAS INFORMATIZADAS - “O FUTURO NÃO É MAIS O QUE ERA”

Será que o nosso presente representa o sonho de nossos antepassados? Ou confirmamos o pensamento de Valéry (*cit. in* Novaes, 2012) em sua afirmação de que “o futuro não é mais o que era”?

A tecnologia por si só, não tece nenhum futuro, uma vez que depende do que os homens projetam nela. Portanto, a existência atual de máquinas cibernéticas, computadores, celulares etc. não se constituem, *per si*, em garantia de liberdade, democracia ou mesmo autonomia.

Parece ter ocorrido, uma ruptura, ou talvez um redirecionamento dos sonhos de automação: a ficção desde o início do século XX até os anos 1980 era pródiga em apresentar películas em que chamava atenção uma futura revolução em alguns setores específicos: 1. Nos **transportes**: mon trilhos urbanos com carros hipervelozes,

carros com rodas esféricas e carros voadores ocupavam os espaços de cidades futuristas imaginárias; 2. Na **robótica**: um mundo em que robôs faziam toda a sorte de tarefas domésticas; 3. Na **automação do trabalho**: fábricas cujas máquinas trabalhavam sozinhas. 4. No **espaço extraterrestre**: ônibus espaciais iriam transportar-nos para outros planetas.

Imagens de um futuro que poderia ter sido nosso se as coisas tivessem sido diferentes. Pois, hoje, nem os carros voam, nem temos robôs cotidianamente à nossa disposição, tampouco nos interessamos mais em conhecer Marte.

A corrida espacial, parece ter dado lugar à corrida temporal. A revolução nos meios de locomoção, em que se almejou o transporte dos homens, de forma cada vez mais rápida e a sítios mais longínquos, num movimento centrífugo de corpos em direção a muitos pontos parece ter dado lugar a um movimento centrípeto de informações dirigidas aos corpos.

A tendência atual é a de vermos, seja no trabalho, seja em nossos lares, corpos “chipados” ou plugados às suas próteses eletrônicas que recebem fluxos informacionais de todas as partes do planeta. Aqui não há necessidade de deslocamentos no espaço, mas deslocamento das informações, num tempo mais acelerado possível, em direção ao próprio corpo. A revolução digital e imagética torna o mundo visível, transparente e acessível ao clicar de uma tecla, tornando desnecessária, portanto, a locomoção para a busca de informações e até mesmo de entretenimento. Não é à toa que hoje andamos em esteiras rolantes...e, que por outro lado, nossas metrópoles estão apinhadas de carros imobilizados em suas vias. Trata-se do que Dupuy (2012: 297) denomina de “contraprodutividade”:

“A contraprodutividade das grandes instituições da sociedade industrial se refere ao fato de que, ultrapassados certos limites críticos, quanto mais elas adquirem importância em nossas vidas, mais se tornam um obstáculo à realização dos próprios objetivos aos quais supostamente servem: a medicina corrompe a saúde, a escola bestifica, o transporte imobiliza, as comunicações nos fazem surdos e mudos, os fluxos de informação destroem o sentido...”

Hoje o objetivo não é mais o de promover uma rígida hierarquia piramidal nas funções rotineiras do trabalho fabril (fordismo) ou monitorizar minuciosamente o tempo do trabalhador em toda a parte da fábrica (taylorismo). Tampouco atende ao ideal utópico marxista de promover um distanciamento do trabalhador em relação aos meios de produção, permitindo com que as máquinas trabalhem sozinhas, com vistas à liberação do homem do esforço físico para alçá-lo à condição de “supervisor ou regulador” do processo. Neste último caso, tal tecnologia opera, justamente, o contrário: aproxima todo homem, em qualquer lugar que esteja e a qualquer momento, de suas atividades de produção – quiçá mais assemelhada a uma ‘utopia’ taylorista para além dos muros da fábrica. Aqui o esforço físico transmuta-se em capacidade de domínio de informação, a qual passa a ser concebida como insumo de poder e recurso indispensável na gestão dos negócios e da própria vida.

A atual indústria da produção de bens eletrônicos e midiáticos inundou o planeta com *gadgets*, ou seja, equipamentos cada vez mais miniaturizados, mais

leves, práticos e mais próximos de nossos corpos – verdadeiras próteses humanas. Nesse caso, o termo “prótese”, (do grego *prosthenos*) que designa extensão, “não designa algo separado do sujeito, à maneira de um instrumento manipulável, e sim a forma resultante de uma extensão especular ou espectral que se habita, como um novo mundo, com nova ambiência, código próprio e sugestões de conduta” (Sodré, 2006: 21).

A priorização do campo da *comunicação* implica, pois, que a capacidade de interação à distância e a mobilidade humana não dependem mais de um ponto fixo e imóvel, ao qual o homem teria que se dirigir. Isto parece irrelevante, mas trouxe enormes mutações e rupturas na ordenação tradicional do tempo, nas relações interpessoais e na própria concepção do humano.

A DITADURA DE UM TEMPO ACELERADO - REPERCUSSÕES SUBJETIVAS

O homem passa a tornar-se o próprio receptáculo, sem mediações, de todas as demandas sociais, econômicas, culturais e psíquicas advindas do meio; ao mesmo tempo as próteses eletrônicas, o transformam em presença virtual em todas as partes do mundo, ainda quando, muitas vezes, à sua revelia.

‘Mobilidade’ não significa ‘liberdade’, tampouco ‘isolamento’ significa ‘solidão’. Não podermos nos mover para qualquer sítio sem sermos constantemente observados, pode ser signo de controle; assim como a possibilidade de podermos optar por um isolamento, pode ser sinal de liberdade.

Assim, o corpo passa a ser o destino comum de informações, mensagens, imagens e produtos culturais de toda a sorte, tornando-se um veículo tecnológico excitável, sempre em estado de prontidão. Estamos em ‘prontidão’ mediante os ininterruptos fluxos de informação em altíssima velocidade, ante o acelerado processamento de imagens e mensagens, ante as exigências de aptidão constantes demandadas pelo mercado de profissões, de consumo compulsivo por sempre novos aparelhos tecnológicos, de disponibilização em tempo real e atendimento imediato às demandas da produção.

‘Aproveitar o tempo’ torna-se a palavra de ordem da nossa época! Cotidianamente somos interpelados – pela mídia, por nossos pares, familiares e por nós mesmos - a sermos eficientes e ‘pró-ativos’ no domínio e uso do tempo; o que significa termos que fazer sempre mais coisas em menos tempo, resultando em um esgotamento do ser e em níveis de depressão e *burn-out*, jamais vistos. Não é a toa que a imagem de uma ‘esteira’ ou da ‘roda do hamster’ (Hartmut, 2010) torna-se a metáfora dos nossos dias: andamos cada vez mais depressa, sem sair do lugar. Estamos “enfermos do tempo” (Honoré, 2006: 12).

Uma nova forma de controle social em que, cada vez mais, nos subordinamos a mostrar aptidões *imediatas*: reagir, mais que refletir; comprovar, mais que analisar; apresentar dados, mais que questionar; mostrar resultados, mais que produzir sentidos. O saber-fazer é substituído pela *performance*, a formação pelo treinamento, o ócio criativo pelo entretenimento repetitivo e a ideia de ‘cuidado de si’ pela ‘indústria

das imagens de si'. Somos conclamados constantemente ao máximo impacto, ao consumo do excesso e ao imediato descarte, na vigência de um presente tirânico, em que o passado já não ilumina o presente, nem tece mais o futuro.

“Utopia de mercados futuros” (Rouanet, 2012), que se constitui, justamente, no oposto do que acalentara o sonho do desenvolvimento tecnológico de Marx a Marcuse: a capacidade de imaginação, a criatividade, a felicidade, enfim, a emancipação do homem, o fim das desigualdades e a própria liberdade.

Parece que a dívida do futuro para com o passado, que exprimia uma promessa de bem estar e felicidade não se realizou. Quanto ao presente, este nos foi roubado ante uma famigerada corrida para o futuro, em que o tempo de espera não mais existe. Neste sentido, a sensação é a de que é o futuro que nos chega, é o progresso que nos empurra velozmente em direção ao futuro e não nós que a ele nos dirigimos, em conformidade com nossos desejos e ritmo de tempo. Ou seja, é o futuro que se impõe, sob a égide do mercado, trazendo-nos toda sorte de novidades, que temos que comprar e nos conectar; sob o risco de nós próprios nos tornarmos obsoletos.

A experiência, assim, transmuta-se em vivência imediata, premida por um eterno presente a demandar nossa total disponibilidade e urgência em ter sempre que se superar a si mesmo. É neste sentido que Khel (2009: 159) comenta que “a decadência das grandes narrativas corresponde à perda de referências que caracteriza a forma subjetiva do indivíduo, que se vê na condição desamparada de ter de se tornar autor de sua própria vida”.

Premidos nesse presente que também sequestra as esperanças em um futuro outro, os acontecimentos “vivenciados” parecem não nos pertencerem, deixando uma sensação permanente de estranhamento no ar. Daí decorrer o sentimento corriqueiro de exacerbação da incompletude humana diante do desconhecimento da potência das tecnologias a que nos ‘plugamos’ ou mesmo nos fundimos. Quanto mais a máquina nos parece útil, mais nos sentimos ‘incompletos’, o que, por sua vez, leva a um consumo compulsivo de sempre novos aparelhos. Enorme esforço, multiplicação de tarefas, para permanecermos ao menos no mesmo lugar.

O controle de deslocamentos e de tempo possibilitado, por exemplo, por celulares e *laptops*, vem nos deixando vulneráveis a intromissões tanto na esfera do trabalho quanto na vida particular, ‘disponibilizando’ o trabalhador praticamente 24 horas por dia.

Aqui se revela o quanto o indivíduo tornou-se um terminal, um receptáculo sem mediações, de múltiplas informações e demandas de toda ordem. Tal estratégia de controle do tempo e dos deslocamentos dos corpos conta, não apenas com a aquiescência dos indivíduos, mas também, e principalmente, com a sua adesão e participação ativa no processo. Trata-se, portanto, da mais sofisticada forma de controle já existente, em que o tempo da vida finda por ser controlado pela lógica da produtividade, a partir dos desejos por consumo do próprio homem.

REFLEXÕES SOBRE UM TEMPO OUTRO

O deslocamento de foco da produção para o consumo, inscrita nas perguntas primeiras deste estudo, indica a expansão da lógica instrumental e produtivista para todas as esferas da vida; ou seja, à exploração do trabalho acresce-se a dominação da cultura e da vida cotidiana. Assim floresce mais um novo e produtivo nicho de mercado em que o homem, sem mais nenhuma coerção externa, sob livre iniciativa concorrencial, se entrega de corpo e alma, aos ideais mercantis; corroborando a suspeita de Adorno (1945: 71), já à época: “a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não-liberdade”.

As formas de resistências se fazem necessárias: como antídoto para a crescente invasão do tempo livre, apontamos o exercício da ação reflexiva, a apropriação da memória e dos sonhos próprios, a recusa ao imediatismo e às identidades pré-fabricadas.

Pois viver no presente é desejar e esperar o que há no futuro. Se nos contentamos apenas com o que a realidade nos dá de forma imediata, sem memória, nem desejo, talvez a vida se torne plena de rupturas e fragmentações. Por entre os excessos e a avidez por consumo, em meio à velocidade das tecnologias informatizadas, apenas cabe um mundo unidimensional, que enclausura a subjetividade, o espírito e a potência do desejo no “mais do mesmo”

Por isso propomos em vez de possuímos e desejarmos sempre “mais do mesmo”, que cultivemos menos, porém com mais diversidade e sentido, para que evitemos girar, tal qual as máquinas, em torno do mesmo lugar, como nos advertiram Adorno & Horkheimer (1995: 126):

A máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco. (...) Nada deve ficar como era, tudo deve estar em constante movimento. Pois só a vitória universal do ritmo da produção e reprodução mecânica é a garantia de que nada mudará, de que nada surgirá que não se adapte.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. (1995) *Tempo Livre. Em Palavras e Sinais: modelos críticos 2*, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Adorno, T. & Horkheimer, M. (1985) *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baudrillard, J. (1976) *La génesis ideológica de las necesidades*, Barcelona: Editorial Anagrama.
- Baudrillard, J. (2008) *A Sociedade de Consumo*, Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1993) *O Sistema dos Objetos*, São Paulo: Perspectiva.
- De Masi, D. (2000) *O Ócio Criativo – entrevista a Maria Serena Palieri*, Rio de Janeiro: Sextante.
- Dupuy, J. (2012) “O tempo que nos resta”, *Mutações: elogio à preguiça*, São Paulo: Edições SESC.
- Giannetti, E. (2002) *Felicidade*, São Paulo: Companhia das Letras.

- Kehl, M. R. (2009) “Os tempos do outro”, *O tempo e o cão – a atualidade das depressões*, São Paulo: Boitempo.
- Kehl, M. R. (2012) Tempo e Melancolia. Trabalho apresentado no Ciclo Mutações: *O futuro não é mais o que era*. Academia Brasileira de Letras: Rio de Janeiro.
- Lipovetsky, G. (2007) *A felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Honoré, C. (2006) *Elogio de la Lentitud*, Barcelona: RBA libros.
- Marx, K. (1984) *Fetichismo e Reificação*, in Ianni, O. (Org.) (1984) *Sociologia*, São Paulo: Atica.
- Marcuse, H. (1982) *A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Marcuse, H. (1975) *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Marcuse, H. (2010) *Un ensayo sobre la liberación*, Sevilla: Doble.
- Novaes, A. (2012) O futuro não é mais o que era. Prefácio do Programa do Ciclo Mutações: *O futuro não é mais o que era*, Academia Brasileira de Letras: Rio de Janeiro.
- Rosa, H. (2010) *Aliénation et accélération: vers une théorie critique de la modernité tardive*, Paris: Découvert.
- Rouanet, S. (2012) Figuras do Tempo. Trabalho apresentado no Ciclo Mutações: *O futuro não é mais o que era*, Academia Brasileira de Letras: Rio de Janeiro.
- Severiano, M. (2001) *Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*, São Paulo: Annablume.
- Sennett, R. (2010) *A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Rio de Janeiro: Record.
- Sodré, M. (2006) “Eticidade, Campo Comunicacional e Mídiação”, in Moraes, D. (Org.) (2006) *Sociedade Mídiação*, Rio de Janeiro: Mauad.
- Wisnik, J. (2012) (Des)Construção do Futuro. Trabalho apresentado no Ciclo Mutações: *O futuro não é mais o que era*, Academia Brasileira de Letras: Rio de Janeiro.